

ENTRE CONTOS E RECONTOS: Possibilidades de situações discursivas (des)envolventes para a Educação Infantil

Célia Regina Fialho Bortolozo¹

Katia Cristiane Lara²

Eixo temático: 4. Alfabetização e infância

Resumo: Ancorado na Teoria Histórico-Cultural como método de pesquisa, este trabalho objetivou identificar contribuições dos contos populares para o trabalho pedagógico com crianças matriculadas na Educação Infantil, por situações discursivas (des)envolventes. Participou da pesquisa uma turma de pré-escola pública, de região de alta vulnerabilidade social, no interior de São Paulo, por meio de observações de atividades a partir dos contos: Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho. Percebemos que situações pedagógicas de produção de narrativas a partir de contos potencializam o uso da linguagem como meio expressivo e permitem que as crianças reorganizem compreensões individuais e coletivas sobre sentimentos, conflitos e formas de trabalhar em grupo, em climas carregados de ludicidade e imaginação.

Palavras-chaves: Linguagem; Educação Infantil; Contos; Trabalho pedagógico

Introdução

Em consonância com os princípios vigotskianos compreendemos o desenvolvimento psíquico como processo dinâmico de constituição cultural, em que o homem se transforma e se humaniza socialmente e permanentemente. Nessa perspectiva a educação formal é entendida como instrumento essencial para esse processo de transformação cultural e as experiências educacionais ligadas à arte, à literatura, ao desenho, à pintura, à escrita e às ciências apresentam potencialidades para o processo de formação plena dos indivíduos. A escola, enquanto instituição social responsável por mobilizar intencionalmente o desenvolvimento psíquico dos sujeitos, se configura como um espaço privilegiado para

¹<https://orcid.org/0000-0001-5747-1733>, (019)982040407, celiabortolozo@gmail.com – Pontifícia Universidade Católica- PUC/Campinas – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Pedagógicas. Secretaria Municipal de Educação/Prefeitura de Campinas – Coordenadora Pedagógica.

²<https://orcid.org/0000-0001-7613-3289>, (019)981961726, katiacrilara@yahoo.com.br - Secretaria Municipal de Educação/Prefeitura de Campinas – Professora de Educação Infantil.

potencializar experiências possíveis de serem significadas pelos sujeitos matriculados na Educação Básica, desde a Educação Infantil. No fluir do significado de cada experiência nas escolas infantis é que se encontra a objetivação das vivências educacionais de cada criança da primeira infância, ou seja, a maneira com que cada criança vai significar cada situação do trabalho pedagógico se constitui nos diferentes acontecimentos, experimentados por ela, de diferentes maneiras, em diferentes momentos da prática educativa.

O texto literário, por sua vez, é concebido pelos estudiosos da Teoria Histórico-Cultural como um produto da atividade humana que propõe ação na esfera imaginativa, criando novas relações entre situações reais e situações abstratas, ampliando assim, o campo de significação na formação dos planos da vida real. Seus enredos lidam com necessidades imaginativas e fantasiadas, em que se cria e se segue regras voluntárias para satisfação do desejo, possibilitando o alcance de prazer máximo e o acesso de estruturas básicas para a mudança tanto das próprias necessidades quanto dos níveis de compreensão infantil. Esses recursos culturais apresentam forma lúdica de abordar conteúdos de sabedoria popular e da condição humana, atualizam e reinterpretam questões universais como os conflitos de poder e a formação dos valores, combinam realidade e fantasia, misturam criaturas sobrenaturais e se perpetuam até os dias atuais em função de todo o encantamento provocado nas crianças.

Não obstante o papel importante da literatura em mobilizar emoções contraditórias e produzir efeitos estéticos de superação de contradições alcance níveis avançados de compreensões culturais, a dificuldade das escolas e dos professores em lidar com ela é evidente no cenário educacional brasileiro. É comum as escolas infantis utilizar textos literários com fins especificamente pedagógicos e/ou moralizantes, ou simplesmente não dar a eles o devido espaço e a devida atenção, demonstrando dificuldade para escolher qual o melhor caminho de explorar esse relevante elemento cultural, produto da atividade humana.

Firmadas nesses pressupostos, entendemos que tal prática pode ser um caminho privilegiado para esses educandos construírem, pensarem, darem sentido à própria existência e ampliarem a gama de possibilidades de articular literatura e desenvolvimento da linguagem, nas suas diversas formas (oral, gestual, desenhada e escrita). Por isso, ancoradas na Teoria Histórico-Cultural como método, desenvolvemos esta pesquisa e objetivamos identificar contribuições dos contos populares infantis para o desenvolvimento de crianças matriculadas na Educação infantil. Focamos a linguagem em suas múltiplas formas, como principal mediação de situações pedagógicas discursivas (des)envolventes. Priorizamos a interação com o enredo e os personagens dos contos: Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho, junto a uma turma de pré-escola pública, de região de alta vulnerabilidade social, no interior de São Paulo. Nas sequencia destacamos os principais fundamentos teóricos que subsidiam esta

produção.

2 Fundamentação teórica

A Teoria Histórico-Cultura é um modelo teórico que volta o olhar, especificamente para o desenvolvimento de funções psíquicas superiores. Nesta perspectiva, a partir de relações permanentes e mutuamente constitutivas entre o indivíduo e a cultura, as funções psíquicas superiores e os modos culturais de ordenar o real se desenvolvem e se transformam. Vigotski (2001) defende que o desenvolvimento do pensamento é constituído pelas múltiplas formas de linguagem: o gesto, o desenho, a palavra entre outros, inerentes às experiências socioculturais dos sujeitos, por isso, esse sistema precisa ser compreensível para as pessoas que compartilham de uma mesma situação de interação. Quando essa linguagem é internalizada e passa a integrar o funcionamento psíquico, agrupando ocorrências de uma mesma classe de objetos, eventos, situações, sob uma mesma categoria conceitual, torna-se possível a significação, primeira condição para a formação do pensamento abstrato, através do qual o homem é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele com intencionalidade. Portanto, os significados, construídos historicamente e culturalmente, com base nas relações dos homens com o mundo físico e social, se mantêm em constante transformação e propiciam a mediação simbólica entre o indivíduo e a cultura.

Ribeiro (2018) considera a literatura infantil um importante elemento cultural, fundante da formação do sujeito, pois, além de mobilizar a atividade criadora (imaginação), propicia a fruição do texto, o prazer pela leitura, amplia as possibilidades de experimentação e enriquece as experiências discursivas. A autora ressalta que a leitura de literatura possibilita o contato com situações não vivenciadas pessoalmente, mas que por meio das narrativas, das ilustrações e de todo o conteúdo material e imaterial, pertinente a esse objeto cultural e artístico, em suas formas mais complexas, mobiliza e favorece o desenvolvimento das funções psíquicas superiores na criança, pela interação e pela brincadeira, enquanto também desenvolve a cultura humana.

Além de representar fatos e acontecimentos do real natural, possibilita a fantasia junto à narração, que se constitui nas diversas situações discursivas com a literatura infantil, possibilitando que as crianças combinem os elementos que lhes chegam a outros já conhecidos e, a partir daí, criem novas combinações. Sobretudo, a literatura infantil associada aos contos populares que, segundo Coutinho (1997), comumente abordam conteúdos de sabedoria popular da condição humana, atualizam ou reinterpretam questões universais como os conflitos de poder e a formação dos valores, combinando realidade e fantasia e misturando criaturas sobrenaturais, encantam e, por isso, se perpetuam até os dias atuais.

Os contos populares são gêneros literários que proporcionam ao leitor participação intelectual nas ações da narrativa, além de favorecer a reação estética. Eles possibilitam recombinação de elementos que implicam a atividade criadora da imaginação, exercem grande fascínio nas crianças e constituem-se como caminho de descoberta e compreensão do mundo. Por isso, podem contribuir significativamente com a formação infantil e ajudarem as crianças a entenderem melhor o real que as cerca.

3 Metodologia

Este trabalho visa identificar contribuições de contos populares infantis para o desenvolvimento de crianças na Educação Infantil, em situações discursivas pedagógicas (des)envolventes. Fundamenta-se na Teoria Histórico-Cultural enquanto metodologia de pesquisa, que, segundo Bernardes (2010) embasa-se na metodologia dialética, assume o contexto histórico, privilegia a apreensão e o tratamento dos conflitos sociais, evidencia processos, propugna a transição histórica e acredita no fator humano como capaz de interferir em condições objetivas e dadas. Portanto, a prática de pesquisar é configurada por diferentes posições sociais, com suas visões de mundo, interesses, valores e condições diferenciadas. Tem um caráter subjetivo e singular e se constitui nas contradições, tensões, conflitos, lutas e negociações possíveis, a partir de diferentes interpretações e recriações dos sujeitos envolvidos nas relações inerentes à realidade.

Para a produção de material empírico realizou-se observações de quatro atividades feitas com uma turma de trinta crianças de pré-escola pública, localizada em bairro de alta vulnerabilidade social, em Campinas/SP. As observações do cotidiano pedagógico foram realizadas durante o último trimestre de 2019, com frequência de 2 vezes por semana, sendo o período de observação a cada ida a campo definido em conjunto com a professora. As videofilmagens foram transcritas seletivamente, elegendo-se da filmagem total os episódios mais produtivos para as reflexões em conjunto com a professora e para análises qualitativas. As atividades foram desenvolvidas a partir das histórias: Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve, e realizadas em diferentes espaços da escola.

4 Resultados e Discussão

Ao analisar o material empírico constituído percebemos também a existência de práticas pedagógicas promissoras para o desenvolvimento da linguagem das crianças da Educação Infantil, como é o caso da prática de narrar oralmente para sustentar elaborações sobre afetividade. Por isso priorizamos as situações pedagógicas que as crianças podiam

produzir narrativas mediadas e pautadas pela linguagem oral.

Episódio 1

(Roda da conversa sobre o conto Branca de Neve – realizada na sala de música)

Vithor - A nossa maçã tinha chocolate. Era maçã do amor! (Ergue a camiseta para mostrar o peito onde fica o coração).

Episódio 2

(Roda da conversa sobre o conto Branca de neve)

Professora – Eu tô perguntando pra vocês... Porque no lugar de fazer uma maçã envenenada fizemos uma maçã de chocolate?

Isaac – Professora! Eu tô apaixonado?

Professora – Você está apaixonado? Mas o amor é só estar apaixonado?

Crianças – Não.

Lorena – É amar as pessoas! O amor é o que a gente tem no coração. A bruxa tinha inveja no coração dela.

Professora – E o que a gente tem no nosso coração?

Alunos – Deus, Jesus

Isaac – O apaixonado (levanta para falar)

Agatha– Professora!

Professora – Mas o que mais assim ... e dentro do coração da madrasta será que tinha amor?

Alunos – Não!

Professora – Fala Agatha, o que tinha no coração da madrasta?

Agatha – Maldade.

Podemos observar nos episódios 1 e 2, o trabalho pedagógico a partir da interação com contos populares oportunizando que as crianças interagissem com sentimentos complexos como inveja, amor, paixão, maldade, bondade. As intervenções orais da professora, retratadas especificamente no episódio 2, instigam a turma a refletir sobre a relação da maçã envenenada com sentimentos maus e da maçã do amor com sentimentos bons. A docente tinha o objetivo de aproximar as crianças de contradição entre sentimentos, bondade x maldade, raiva x amor. As compreensões expressas por Isaac, Lorena e Agatha indicam coerência com os significados culturais produzidos historicamente sobre os sentimentos e emoções dos personagens. Também demonstram superação e reorganização de elaborações individuais sobre seus próprios sentimentos e valores. As palavras utilizadas por Isaac, Lorena e Agatha (*apaixonado, inveja, maldade*) demonstram maior elaboração do pensamento abstrato e trazem marcas de conceitos históricos aprimorados.

No que diz respeito às relações feitas pelas crianças, entre experiências pessoais e as vividas pelos personagens do conto apontamos outros dois episódios:

Episódio 3

(Roda da conversa sobre o conto Branca de neve)

Vithor – Verdade! O Atchim ele é bem engraçado! (Vithor sorri e desvia o olhar para outra direção como estivesse disfarçando algo que estava querendo dizer)
Professora – Ah, você achou ele engraçado? Que coisa né! Porque será? Quem é cheio de fazer graça aqui na turma? (Victor continua sorrindo)
Rafael – Igual você Vithor!

Episódio 4

(Roda da conversa sobre o conto Branca de neve)

Lorena – Professora! Professora!
(Suzana levanta a mão na frente do rosto de Lorena)
Suzana – No coração da madrasta tinha maldade...
Lorena – (tirando a mão de Suzana da sua frente) Ela tinha um coração sujo.
Professora – Um coração sujo? Mas porque será que o coração dela estava sujo?
Lorena – Porque ela era invejosa.
Professora – Ela era invejosa? E é legal ter inveja dos outros?
Crianças – Não.
Professora – É legal fazer maldade para o amigo?
Vithor – Eu não faço maldade (falando e sorrindo)
Professora – Eu também não!
Professora – Bem agora eu entendi. Quer dizer que a gente fez essa maçã do amor com chocolate porque chocolate é gostoso e docinho igual às coisas boas que a gente tem no coração?
Crianças – Siiiiimmmmm
Lorena – Oh Pro, a Suzana tem inveja de mim. Ela fica fazendo tudo que eu faço e querendo ter tudo igual o meu.

É evidente que as duas crianças envolvidas no episódio 3 conseguiram objetivar um conjunto de ações engraçadas vividas pelo personagem “Atchim” e utilizarem esse conhecimento para melhor explicar a si mesmo e o amigo de turma. Podemos também, ver no episódio 4, a aluna Lorena, incomodada com as ações de Suzana, se apropriando de significações representadas pelos personagens do conto para expressar, com maior exatidão, os sentimentos que a atitude da amiga provocava nela.

Episódio 5

(Reconto coletivo em produção oral)

Suzana – A Chapeuzinho estava brincando lá fora e a mamãe dela chamou e falou assim: Chapeuzinho, leva esses doces para sua vovó que ela está doente!
Vithor – (fala bem alto, interrompendo a amiga) E o remédio!
Suzana – Levar doces e remédio pra vovó. Aí ela encontrou o lobo mau.
Professora – Já aconteceu isso? Não tem mais nada?
Lorena – Ela foi pelo caminho da floresta...
Professora – A mamãe dela falou alguma coisa pra ela?
Crianças – Falooooo...
Professora – O que ela falou?
Lorena – Ela foi pela estrada, não pela floresta, pela estrada.
Professora – Aí, quando ela ia pelo caminho, ela fazia uma coisa. O que que ela fazia?

Episódio 6

(Dramatização com fantoche em grupos de 5 crianças – Grupo 1)

Agatha – Lá, lá, lá, lá, lá, ... (cantando e dançando de um lado para o outro)

Lorena – Chapeuzinho! (Levantando a mão coberta pelo gorro)

Agatha – Oi mamãe! (Direcionando o seu gorro para o gorro de Lorena)

Lorena – Vai levar esses doces para a sua vovó que está doente. Mas Chapeuzinho, deixa eu te falar um negócio. Não fale com estranhos e vá pelo caminho da estrada.

Agatha – Tá.

Lorena – Tchau, Chapeuzinho.

Agatha – Tchau, Mamãe.

Agatha – Lá, lá, lá... Pela estrada afora, eu vou bem sozinha, levar esses doces para a vovozinha.

Rodrigo – Oi Chapeuzinho, onde você tá indo? (Com voz rouca)

Agatha – Eu to indo levar esses doces para minha vovozinha porque ela tá muito doente.

Rodrigo – Então vamos pegar flores e apostar uma corrida pela floresta (voz rouca)

Podemos ver no recorte do reconto coletivo produzido pela turma e da dramatização de um dos grupos, que as crianças, apoiadas na mediação prioritária da professora, organizavam suas ideias e expressavam seus sentimentos e emoções de múltiplos modos. A cada momento em que a narrativa sobre uma determinada história revisitava a turma, a intensidade da mediação da professora e/ou da pesquisadora, a inclusão de recurso (figurativos e não figurativos) se modificavam e as crianças experimentavam diferentes compreensões sobre diversos elementos culturais, podendo objetivá-los de maneiras mais elaboradas.

Para nós, é evidente que o pedagogo, enquanto interlocutor privilegiado que dá suporte às crianças em suas criações, não deve abrir mão do seu papel de propiciar a circulação e a socialização dos bens culturais e dos diferentes significados produzidos sobre eles. Não deve atender a expectativas imediatas, com finalidades práticas, aplicáveis, empíricas e pautadas no senso comum, como: livros de autoajuda, biografias e livros históricos. No entanto, respeitando o gosto e a preferência das crianças, ele pode e deve pensar de que modo acolher a literatura e inclui-la no currículo da educação formal, desde o primeiro segmento da Educação Básica, preservando seus elementos estéticos e potencializando o desenvolvimento individual e coletivo.

5 Considerações Finais

Ao analisar as condições em que se desenvolvem os processos de ensino e aprendizagem de uma turma de pré-escola pública, de região de alta vulnerabilidade social, à luz da Teoria Histórico-Cultural, especificamente nas atividades a partir dos contos infantis: Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve, percebemos o quanto esse tipo de literatura

fortalece as situações de ensino formal, na Educação Infantil e viabiliza contextos desenvolvendo, dinâmicos, interativos e produtivos, repletos de ludicidade e de forma pautada pela imaginação.

O trabalho pedagógico com contos oportunizou que as crianças mobilizassem funções psíquicas pautadas por maior intencionalidade e controle, especialmente na utilização da linguagem como meio expressivo. As crianças (re)significaram as formas de se relacionar com a cultura e potencializaram, tanto o trabalho coletivo como as compreensões de si mesmas, instâncias essas que se afetam em relações permanente e mutuamente constitutivas. Portanto podemos afirmar que, práticas discursivas permeadas por contos e recontos se configuram possibilidades relevantes e promissoras para a concretude de um trabalho pedagógico (des)envolvente na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, M. E. M. **O método de Investigação na Psicologia Histórico-Cultural e a pesquisa sobre o psiquismo humano.** Psicologia Política. Vol.10. Nº 20, p. 297-313, dez. 2010.

COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil.** 4. ed. ver. e atual. São Paulo: Global, 1997.

RIBEIRO, A. E. M., **Literatura infantil e desenvolvimento da imaginação na infância: trabalho modelado como ferramenta de ensino do argumento narrativo.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2018.

Vigotsky, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem / L. S. Vigotski;** Tradução Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 1ª ed., 2001.